

Gil lança single
de dueto ao vivo
com Marisa Monte

PÁGINA 4



Amara Moira faz
relato cru sobre a
vida travesti

PÁGINA 6



Monólogo
reassignifica o mito
trágico de Medeia

PÁGINA 7



2º CADERNO



Cinema Scpio

Wagner Moura tem atuação soberba no longa de Kleber Mendonça Filho, um thriller político ambientado no Recife durante os anos de chumbo

PALMAS PARA O CINEMA DO BRASIL

‘O Agente Secreto’, de Kleber Mendonça Filho, não ficou com a Palma de Ouro do Festival de Cannes, mas arrebatou três prêmios: melhor direção, melhor ator (Wagner Moura) e o prêmio da crítica (Fipresci), concedido por um júri especializado. O longa é ambientado no Recife durante a ditadura militar. Diretamente do balneário francês, nosso crítico Rodrigo Fonseca conta, nas páginas seguintes, sobre mais essa grande conquista do nosso audiovisual. Cannes faz bem (e muito) ao cinema brasileiro. **Continua nas páginas 2 e 3**



Membros do júri e todos os premiados no encerramento do Festival de Cannes

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A Palma de Ouro é do Irã, mas a vitória é do Brasil

Em meio à comemoração da dupla vitória brasileira em Cannes com as lãureas de Melhor Direção (Kleber Mendonça Filho) e Melhor Ator (Wagner Moura) para “O Agente Secreto”, o mais prestigioso festival do cinema mundial conferiu a Palma de Ouro de 2025 ao iraniano Jafar Panahi e seu “Un Simple Accident”. A menção de seu nome pelos lábios da atriz Juliette Binoche, a presidente do júri deste ano, simbolizou mais do que a excelência estética de uma história de revanchismo. O simbolismo central do resultado foi a liberdade. Panahi foi alvo de toda a sorte de violências que o regime político de seu país foi capaz de perpetrar contra um artista: foi censurado e preso, tendo feito greve de fome como reação. Seu belíssimo thriller narra um plano de vingança de um grupo de pessoas que foram torturadas a partir da ação de um agente de estado. Eles o capturam e submetem-no a um inquérito cercado de agressões. Até uma noiva em núpcias junta-se a esse ato.

“Esse filme nasceu de histórias que eu ouvi de presos como eu. Quando um estado prende um artista, ele não percebe que só faz alimentar sua imaginação”, disse Panahi sobre a obra que pode valer a ele nova reprimendas do Irã. “Eu sempre começo meus filmes com dinheiro do meu bolso, até ter algo pronto para poder mostrar e levantar o projeto. Meus amigos sempre pensam que uma hora eu vou desistir, mas só o que eu sei fazer na vida é filmar”. Em 2010, Juliette Binoche estava em Cannes quando soube que Panahi se recusava a comer a fim de fazer com que seus governantes parassem de censurar artesãos autorais. Ela chorou com a notícia, em público. Premiar “Um Simple Accident”

‘O Agente Secreto’ de Kleber Mendonça Filho, sai de Cannes com três prêmios: melhor direção, melhor ator e Prêmio da Crítica

foi sua forma de reagir.

Se de um lado a indignação reinou na entrega da Palma a Panahi e sua batalha pela democracia, do outro, o Brasil se afirmou no Palais des Festivals de Cannes pelas vias da invenção com o trabalho de Kleber Mendonça Filho, na parceria com Wagner Moura. Ambientado em 1977, em plena ditadura militar, “O Agente Secreto” traz o ator no papel de um cientista, responsável por um laboratório numa universidade pública de Pernambuco, que pesquisa energia. Ao desagradar um representante da in-



Nadia Melliti: melhor atriz por ‘La Petit Dernière’

dústria, passa a ser perseguido, sob a ameaça de morte. “Acredito que é dever do Estado prover educação, assim como saúde, mas sempre que o papo de privatização entra em debate, nunca se pensa no bem do próximo, do povo, e o cinema de que eu mais gosto de fazer é aquele que discute a classe trabalhadora, numa perspectiva anticapitalista”, disse Wagner ao Correio.

Presença constante em Hollywood, Binoche se surpreendeu com esse recorte do passado brasileiro. Ela coordenou um time plural de artistas. Dele fizeram parte a estrela estaduni-



Ressurrection: Prêmio Especial do Júri

dense Halle Berry, a atriz italiana Alba Rohrwacher, a realizadora indiana Payal Kapadia, a roteirista franco-marroquina Leïla Slimani, o documentarista e produtor congolês Dieudo Hamadi, o multiartista sul-coreano Hong Sangsoo, o cineasta e produtor mexicano Carlos Reygadas e ator Jeremy Strong, dos EUA.

Um outro júri de peso coroou o realizador de Pernambuco antes de Binoche e etc.: o time de jornalistas da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci). Deram a ele – que foi repórter nos anos 1990 e 2000

CinemaScopio



Moura (melhor ator) em 'O Agente Secreto' (Prêmio da Crítica), de Kleber Mendonça Filho (melhor direção)

Divulgação

Divulgação



'Un Simple Accident', de Jafar Panahi: Palma de Ouro

Divulgação



Sentimental Value: Grande Prêmio do Júri

Divulgação



Sirât: Prêmio do Júri



Sound of Falling: Prêmio do Júri

- o Prêmio da Crítica. Segundo a avaliação da associação, "O Agente Secreto" tem uma generosidade e épica. "Eu ainda estou descobrindo o filme que eu fiz, embora esteja bem satisfeito com ele, e ouço aqui em Cannes coisas sobre, por exemplo, uma visão de maternidade na qual não havia pensado, mas revela muito do papel forte das mulheres no que eu crio", disse Kleber ao Correio da Manhã, logo após a projeção na Croisette.

De acordo com a justificativa da Fipresci, Kleber fez um filme que permite digressão e oferece diversão e humor ao evocar uma história rica, estranha e profundamente preocupante de corrupção e opressão. É "um filme que faz suas próprias regras, que é pessoal, mas universal, que leva seu tempo e mergulha você em um mundo... o mundo do Brasil governado pelos militares em 1977 e o mundo das pessoas boas em tempos ruins". Ele ainda recebeu o Prix Des Cinémas d'Art et Essai. É um diploma que celebra o apelo do longa para o mercado

arthouse (jargão para salas de cinemas de arte). Tornou-se, assim, o longa mais premiado desta competição.

Outro título que sai de Cannes em alta é "Sentimental Value", de Joachim Trier, inscrito via Noruega. Nele, o titã Stellan Skarsgård é um cineasta que tenta convencer a filha atriz (Renate Reinsve) a estrelar um roteiro que espelha o suicídio da mãe dela. "Escolho filmes que discutam a dramaturgia da falta do diálogo, hoje tão presente na sociedade", disse Renate ao Correio.

Na categoria de Melhor Interpretação Feminina, Cannes coroou Nadia Melliti, concedendo a ela uma (merecida) distinção por "La Petite Dernière". Seu desempenho ajudou para que o filme recebesse ainda um outro troféu, respeitado politicamente por seu simbolismo nas lutas LGBTQIAPN+: a Queer Palm.

Na escolha do Prêmio de Melhor Roteiro, venceu "Jeunes Mères", dos sempre laureados Luc e Jean-Pierre Dardenne. Binoche e parcei-

ros criaram uma láurea especial que foi entregue ao chinês "Resurrection", de Bi Gan, que revisita o passado do cinema a partir de uma fábula sobre o Tempo. Flertaram com a transcendência ao premiarem "Sirât", do galego Oliver Laxe, que parte de uma rave no Marrocos para contar a cruzada de um pai para poder resgatar a filha. Laxe venceu em empate com "Sound of Falling", de Mascha Schilinski, que faz um painel de sororidades na Alemanha.

Paralelamente às deliberações de Binoche e seu povo, o júri da mostra Un Certain Regard, encabeçado pela cineasta e fotógrafa britânica Molly Manning Walker, fez a festa da América Latina ao coroar um dos achados do festival, egresso do Chile: o drama "A Misteriosa Mirada do Flamenco", de Diego Céspedes, sobre o contágio da Aids em seus pais quando a doença ainda era desconhecida. Houve ainda um Prêmio Paralelo de Molly & Cia. para o colombiano "Um Poeta", de Simón Mesa Soto, da Colômbia. A coprodução luso-brasileira "O Riso

OS PREMIADOS

Palma de Ouro: "Um Simple Accident", de Jafar Panahi

Grand Prix du Jury (Grande Prêmio do Júri): "Sentimental Value", de Joachim Trier (Noruega)

Prix du Jury (prêmio do júri): "Sirât", de Oliver Laxe (Espanha/ França), e "Sound of Falling", de Mascha Schilinski (Alemanha)

Prix de la Mise en scène (melhor direção): Kleber Mendonça Filho, por "O Agente Secreto"

Prix Spécial: "Resurrection", de Bi Gan (China)

Prêmio de interpretação masculina: Wagner Moura, por "O Agente Secreto"

Prêmio de interpretação feminina: Nadia Melliti, por "La Petite Dernière"

Prix du Scénario (Roteiro): Jean-Pierre e Luc Dardenne, por "Jeunes Mères"

L'Oeil d'Or (melhor documentário): "Imago", de Déri Omar Pitsaev (Chechênia)

Caméra d'or (melhor direção estreada): "The President's Cake", de Hasan Hadi (Irake), com menção honrosa para "My Father Shadow"

Prix Un Certain Regard: "A Misteriosa Mirada do Flamingo", de Diego Céspedes

Palma de ouro de curta-metragem:

"I'm Glad You're Dead Now", de Tawfeek Barhom (Palestina), com menção especial para "Ali"

Prêmio da Crítica (Fipresci): "O Agente Secreto"

Prêmio do Júri Ecumênico: "Jeunes Mères"

Prêmio de Júri Popular: "The President's Cake", de Hasan Hadi (EUA/ Irake/Catar)

e a Faca" rendeu uma láurea de interpretação para a atriz cabo-verdiana Cleo Diára.

Criado há uma década para celebrar a diversidade da não ficção que circula por Cannes, o troféu L'Oeil d'Or, a Palma da não ficção, foi entregue a "Imago", do checheno Déri Omar Pitsaev. O cineasta é o novo proprietário de um pequeno lote de terra em um vale isolado na Geórgia, na fronteira com a Chechênia, de onde foi exilado desde a infância. Seu retorno à terra natal é conturbado.

Uma das seleções paralelas mais disputadas de Cannes, a Quinzena de Cineastas concedeu um prêmio de júri popular a um filme do Irake, que sai da Croisette com status de potencial concorrente ao Oscar: "The President's Cake", de Hasan Hadi. Ele recebeu ainda a Caméra d'Or, o troféu concedido a longas de estreia. O filme recria a década de 1990, quando Saddam Hussein (1937-2006) obrigava o povo de seu país a celebrar seu aniversário como se fosse uma festa cívica.



Pridia

Gilberto Gil agradece Marisa Monte pelo emocionante dueto na interpretação de um de seus maiores sucessos

E a serenidade se fez canção

Dueto de 'A Paz' com Gilberto Gil e Marisa Monte chega às plataformas. Versão da parceria do baiano com João Donato foi feito em show do dia 29 de março, no Rio, na turnê 'Tempo Rei'

Por Affonso Nunes

Como se sabe Gilberto Gil vem percorrendo o país com "Tempo Rei", sua turnê de despedida e que será encerrada em dezembro num cruzeiro de quatro dias. O artista vem revelando nos últimos meses seu firme desejo de abandonar os shows de grande porte em formato de temporada para, eventualmente, se apresentar para plateias menores. Ele ainda não confirmou oficialmente se a derradeira turnê será transformada em álbum, mas tudo indica que sim após o lançamento do single de um dos momentos

mais sublimes de suas recentes apresentações ao vivo. Trata-se da versão de "A Paz", gravada em dueto com Marisa Monte no show do dia 29 de março, na Farmasi Arena, na Barra da Tijuca.

Gil e Marisa são ovacionados pela plateia já nos primeiros acordes desta que é uma das preciosas criações do cancionero do baiano. O público entoia toda a letra num emocionado coro, coisa de arrepiar até quem não estava lá. "Me senti abençoada ao receber o convite para cantar 'A Paz', essa parceria mágica que une dois dos nossos gigantes, João Donato e Gilberto Gil. Cantar ao vivo junto com a voz e o violão do Gil, um criador fundamental na

história da música brasileira, é sempre uma experiência inspiradora e transcendental", exulta-se Marisa Monte.

Gil devolve a gentileza à companheira de palco. "O canto leve e grandioso de Marisa Monte fez A Paz invadir mais corações. É sempre um prazer dividir o palco com Marisa." A gravação chegou também, em formato de clipe, ao canal dos dois artistas no YouTube.

A parceria de Gil e João Donato (1934-2023) é datada de 1986, nasceu de um momento inusitado, ainda que coerente com toda a atmosfera do encontro. Donato visitou Gil em sua casa levando uma fita cassete

com várias melodias que havia criado para sua então namorada Leila. Cada uma das faixas era numerada — "Leila 1", "Leila 2" e assim por diante — e Donato pediu que Gil escrevesse uma letra para uma delas.

Com pouco tempo disponível, Gil hesitou, mas Donato insistiu e, enquanto aguardava, acabou adormecendo no sofá da sala. Aquela imagem tranquila do amigo dormindo em plena luz do dia bastou para vir a inspiração. Influenciado pela cena e pela lembrança do romance "Guerra e Paz", de Tolstói, Gil escreveu a letra em cerca de 15 minutos, começando com os famosos versos "A paz invadiu o meu coração".

A música, inicialmente intitulada "Leila 4", foi lançada por Zizi Possi em 1987 no álbum "Amor & Música", tornando-se um de seus maiores sucessos. A letra de Gil utiliza imagens de guerra para falar da paz, criando um contraste poético. Termos como "invadir", "tufão", "explosão" e "bomba" são usados para descrever a chegada repentina e arrebatadora da paz, sugerindo que, muitas vezes, é preciso passar por guerras internas para se encontrar a serenidade. Sensível até a medula, é uma obra-prima da MPB e uma das canções mais queridas do repertório de Gil que, felizmente, só vai parar de fazer shows grandes mas promete seguir compondo. A humanidade agradece.

Canção instantânea movida a mate

Uruguaio Jorge Drexler e o argentino Mateo Sujatovich inauguram parceria

Por Affonso Nunes

Jorge Drexler e Mateo Sujatovich, o nome por trás do projeto argentino Conociendo Rusia, lançaram nas plataformas digitais a canção “Desastres Fabulosos”. A faixa é fruto de uma amizade de longa data e do encontro entre dois universos musicais afinados na sensibilidade pop.

Gravada ao vivo nos Estúdios 5020, o hub criativo da Sony Music em Miami (EUA), a música tem

produção de Nico Cotton e conta com participações de Leiva (bateria), Meritxell Neddermann (rhodes e vocais) e Jordi Matas (baixo e guitarra), além dos próprios Drexler e Sujatovich nos violões e vocais.

A faixa nasceu em setembro, durante uma sessão no estúdio de Drexler, em Madrid. Segundo o uruguaio, a colaboração com Mateo se deu de forma fluida e espontânea, nascida de uma conversa sem pressa e regada a mate. A melodia se formou rapidamente, inspirada



Jorge Drexler e Mateo Sujatovich unem talentos no single ‘Desastres Fabulosos’, gravado em Miami

numa anedota comum aos dois. “As vozes se encaixavam como se fôssemos da mesma família”, recor-

da Drexler, destacando também a contribuição de seu filho Pablo, responsável pela sugestão da intro-

dução em tom crescente.

Sujatovich não escondeu o entusiasmo com a parceria. “Compor com Jorge Drexler é uma montanha-russa à qual eu subiria mil vezes mais. Entrar no universo dele e criar algo juntos foi um presente”. Já Drexler ressaltou a naturalidade da musicalidade de Mateo, dizendo que suas composições “soam como se sempre tivessem existido”.

“Desastres Fabulosos” chega acompanhada de um videoclipe dirigido por Joana Colomar, colaboradora frequente de Drexler. No elenco, os atores Macarena García e Javier Dichas dão vida a um casal marcado por esquecimentos e desencontros, em uma narrativa lúdica e melancólica que reflete o espírito da canção. O vídeo, com ares de curta-metragem, reforça a proposta estética delicada e sofisticada do projeto.

Os músicos não pensam em incluir o single em álbuns futuros, mas fazem dessa criação isolada um cartão de visitas para projetos vindouros.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Amélia nunca mais!

Já está nas plataformas “Adeus, Amélia”, primeiro single do novo álbum de Joyce Moreno. No samba-jazz, a artista propõe uma resposta à personagem submissa do clássico “Ai, que saudades da Amélia”, desconstruindo o mito da mulher resignada. Com arranjo de sopros em clima de gafeira moderna, a faixa reúne os músicos Tutty Moreno, Rodolfo Stroeter, Hélio Alves, Rafael Rocha, Marcelo Martins e Jessé Sadoc. O novo disco tem seu lançamento marcado para 12 de junho pelo selo Biscoito Fino.

Isabela Espíndola/Divulgação



Acervo Fundação Progresso

Forró in Concert

Alceu Valença lança o single “Tournée Nordeste (Ao Vivo na Fundação Progresso)”, primeira faixa do projeto Ao Vivo na Fundação. Gravada no Arraiá da Fundação em 2024, a canção presta homenagem aos festejos juninos e ao legado de Luiz Gonzaga, citando cidades como Campina Grande, Caruaru e Fortaleza. O lançamento marca a estreia do selo Fundisom, em parceria com a Altafonte, que divulgará registros inéditos de shows realizados no palco da Fundação Progresso. Também estão previstas faixas ao vivo de Monobloco, Lenine e Spok Frevo Orquestra.



Divulgação

Novo trabalho

Formado por Fabio Brucoli (violino) e Rosana Diniz (piano), o Duo Brucoli e Diniz lança nas plataformas digitais o álbum “Contrastes: da poesia de Schumann ao universo descritivo de Prokofiev”. O trabalho reúne oito faixas, com destaque para a sonata op. 105 de Schumann, o Scherzo da Sonata FAE de Brahms e a rara Sonata nº 1 de Prokofiev, já aclamada em apresentação no Festival de Inverno de Campos do Jordão (SP). O lançamento marca mais uma etapa na trajetória do duo, que vem se destacando em importantes salas de concerto e festivais pelo país.

Paulo-Roberto Andel

Goles de felicidade

Era do lado da minha casa. Nós, amigos da época, nos encontrávamos quase que diariamente. Ainda éramos garotos, não bebíamos - eu não bebo direito até hoje. Eu estava no segundo grau ainda. A gente ria. Lá estavam nossos chefes escoteiros, que eram jovens de vinte e poucos anos. Entre sucos de morango e refrigerantes, nos misturamos aos boêmios do meio dos anos 1980.

O bar ficava aos pés da escada rolante que levava ao teatro Teresa Raquel, o que nos permitiu ver de perto astros daquele tempo: Bruna Lombardi, Marina Lima, Paulo Betti - que sempre trazia debates politizados ao balcão -, Louise Cardoso, Fausto Fawcett, a espetacular Lúcia Brondi e grande elenco.

Todos importantes mas não menos importantes do que os ícones locais: Paulinho Cana, Paulinho Balarino, Paulinho Ceci, Seu Visconti, Fred, Catatau, Mussum, Seu Pauzinho - assim chamado por um pauzinho da sorte que carregava no pulso -, o grande jornalista Arthur Laranjeira, o jornalista Jorge Mascarenhas - sempre de passagem, com sua jovem e linda filha -, além de outros próceres desconhecidos do público mas fundamentais para a Copacabana de 40 anos atrás.

De longe, Charlie sempre dava adeusinho - havia a desconfiança que ele fosse um mercenário, pois ia trimestralmente ao Paraguai e voltava sem uma única mercadoria. As garotas das termas L'uomo nos adoravam, viviam de sarinho conosco. Regininha, que um dia teria o Brasil a seus pés, passava do nosso lado jo-

vem e linda demais. Oswaldo Montenegro não chegava a ser agradável, mas fazia questão de falar conosco.

Vimos de tudo ali: beijos incríveis, porradas, o gol do Tita, o gol do Cocada, o gol do Maurício, a morte do Chacrinha, a dor da derrota de Darcy Ribeiro em 1986, a Constituinte, a luta eleitoral de 1989. Uma vez, o jornalista William, um dos únicos chatos do ambiente, disse que eu era um garoto bobo e arrogante, sem carreira - quis o destino que, trinta e tantos anos depois, eu fosse 100 vezes mais lido do que ele. Uma vez, a Cissa me viu triste e disse que eu deveria mudar de ares. Muitas coisas aconteceram muitas vezes, outras apenas uma vez. Choramos, rimos, nos abraçamos.

Foram uns sete anos por lá, que valeram por uma vida inteira. Eu me mandei em 1990, mas carreguei aquele tempo para sempre, até quando me dediquei a outros bares. Só do original eu escrevi um livro. O bar venceu tudo: crises, planos econômicos, mortes, até que perdeu a parada para a pandemia. Foi lá que a gente suspirava pela Anne, foi lá que a Tatyana riu de uma piada sinistra e que o Fred, cliente irretocável, falava deliciosas incorreções políticas. Lá se foram quase 35 anos mas eu ainda carrego aquele balcão comigo. As dores, os risos, as pequenas histórias fundamentais. Era meu bar, eu era um adolescente que só bebia suco, que depois voltava para casa e ficava feliz quando a família estava dormindo tranquila. A vida não era fácil, mas no bar havia goles e goles de felicidade. Eu vi.

CRÍTICA / LIVRO / SE EU FOSSE PUTA

Uma obra digna do rol dos underground-do-underground

Divulgação

Por Luiz Carlos Lacerda*

“E Se Eu Fosse Puta”, livro de Amara Moira, faz parte dessa galeria de escritores underground-do-Underground como “O Diário de um Ladrão”, de Jean Genet; “Cinema Orly”, de Luis Capucho; e certos episódios e diálogos da Dramaturgia de Plínio Marcos - este, uma espécie de embaixador brasileiro da Literatura Beatnik, a despeito dos self-nomeados Mautner, Willer e Piva.

A começar por seu título censurado pela própria Editora com o artifício de uma faixa sugerindo outro título, Amara não está preocupada com a “qualidade literária” de sua escrita. Com seu bisturi impiedoso consigo própria vai perfurando, sem meias palavras, mais do que o cotidiano das travestis prostitutas, e penetra (literalmente) na descrição detalhada dos atos sexuais e de seus meandros que, segundo o saudoso e revolucionário psicanalista Eduardo Mascarenhas, é tão importante quanto o relato dos sonhos, onde se arquivam as imagens do Inconsciente, como aconselhou Freud.

Por outro lado, o testemunho dessa Doutora em Teoria literária e professora da Unicamp e travesti serve de importante observação antropológica sobre esses personagens humanos - e os mais discriminados, junto com as lésbicas, no campo LGBTQIAPN+.

A maioria deles, como sabemos, expulsos de casa na adolescência e sem encontrar espaço no mercado de trabalho pelo preconceito social - constituem um exército à serviço da prostituição - e que cumpre um



Amara Moira e seu livro ‘E Se Eu Fosse Puta’ que, sem meias palavras, desbrava o cotidiano das travestis e lança um olhar quase antropológico sobre o preconceito que ameaça sua comunidade

papel de destaque na realização do desejo dos homossexuais que se encontram, ainda, no fundo do armário, nas sombrias trincheiras clandestinas dos biombos do disfarce do trinômio deus-pátria-família.

Seu revelador testemunho perspassa o sofrido processo de auto-aceitação do novo gênero, sonhada libertação de um corpo “onde não cabem”, mas cujo espaço social também não cabe no espaço das orientações permitidas.

A importância de seu livro é a possibilidade que o leitor usufrui de

conhecer um universo folclorizado, especialmente através do cinema, e tratado como um extravagante mundo - como quem excursiona num safari de zebras e elefantes. Com exceção dos filmes de Pedro Almodovar, que mergulha na alma desses seres à margem da margem.

E, o melhor do livro, é que não há vitimização, nem discurso de patrulhas do “politicamente correto”.

Pulsa, latente, uma intensa alegria de viver no seu DNA.

Um livro imperdível!

*Cineasta e poeta

Rodrigo Menezes/Divulgação

Um mito trágico em reconstrução

Débora Lamm revive o mito trágico de Medeia no monólogo 'Mata Teu Pai'

Monólogo 'Mata Teu Pai', com Débora Lamm, tem sessão única gratuita nesta segunda no Parque de Ideias

Após ser indicada ao Prêmio Shell de melhor atriz por "Último Ensaio", que celebrou os 15 anos da Cia OmondÉ, Debora Lamm volta ao teatro com o monólogo "Mata teu pai", em apresentação única

segunda e terça-feira (26 e 27), na Biblioteca Parque Estadual. Com entrada gratuita, a sessão faz parte do projeto Parque de Ideias.

Com direção de Inez Viana e texto de Grace Passô, a peça é inspirada na personagem Medeia, da tragédia grega, e propõe um olhar

contemporâneo sobre temas como patriarcado, retrocesso e intolerância. A encenação se apoia no discurso da protagonista, com forte participação do público.

Desde sua estreia em 2017, "Mata teu pai" propõe uma releitura do mito sob a ótica da mulher imigrante. A Medeia de Grace Passô é uma figura em deslocamento, que cruza caminhos com outras mulheres – síria, cubana, haitiana, judia, paulista – e encontra nessas trocas tanto

acolhimento quanto julgamento. "Ela não sofre por ele com aquele amor romântico idealizado. Sofre pela postura dele. Ela virou mãe solo", diz Debora.

Segundo Inez Viana, o espetáculo revisita a condição feminina ao expor as feridas abertas pelo patriarcado. "Mata teu pai" é mata o patriarcado", afirma.

Sexto espetáculo da Cia OmondÉ e o primeiro monólogo de seu repertório, "Mata teu pai" é também o ponto de partida de

uma trilogia idealizada por Inez e escrita por Grace Passô. A segunda peça, "Mata teu pai, ópera balada", estreou no Sesc Pompeia em 2022.

SERVIÇO

MATA TEU PAI
Biblioteca Parque Estadual (Av. Presidente Vargas, 1261, Centro)
26 e 27/5, às 18h
Entrada franca, com retirada de ingressos no site do projeto (<https://parquedeideias.com>)

Musical infantil sobre Elis volta aos palcos

O musical infantil "Pimentinha – Elis Regina para Crianças" reestrea no próximo sábado (31) na EcoVilla Ri Happy, no Jardim Botânico. A peça faz parte do premiado projeto "Grandes Músicos para Pequenos" e celebra a trajetória de Elis Regina, uma das maiores vozes da canção brasileira.

No palco, a atriz e cantora Jullie interpreta Lilica, uma me-

nina apaixonada por música que desafia padrões de beleza ao participar de um concurso de rádio. Inspirada na infância da própria Elis, a trama destaca temas como autoestima e aceitação.

Criado em 2013, o projeto já homenageou nomes como Luiz Gonzaga, Milton Nascimento e Elza Soares, sempre com temas sociais relevantes apresentados de forma lúdica. Em "Pimenti-

nha", clássicos como "Fascinação", "O Bêbado e a Equilibrista" e "Como nossos pais" ganham novos arranjos pensados para o público infantil. A direção é de Diego Morais, com texto de Pedro Henrique Lopes e direção musical de Guilherme Borges.

SERVIÇO

PIMENTINHA – ELIS REGINA PARA CRIANÇAS
EcoVilla Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008)
De 31/5 a 29/6, sábados e domingos (16h)
R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Júnior Mandrola/Divulgação



Jullie dá vida a Lilica, uma menina apaixonada por música

Sempre as melhores tradições

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Em minha família, não adotamos aquele discurso de “Dia das Mães é todo dia”. Essa é uma data em que realmente nos juntamos e comemoramos muito. E decidimos ir ao Azumi – eu, João, o mais velho, Chico, o caçula, e seus rebentos – Nuno e Rosa. As três gerações são super fãs de comida japonesa. O Azumi já virou parte da nossa história. Aniversários, celebrações... Nesse caso, foi dupla, pois Chico ganhou a Medalha de Prata no Festival de Cinema – o Cinefoot.

O restaurante estava do jeitinho que a gente gosta: iluminação suave, aquele cheirinho delicioso no ar e o som reconfortante de risadas misturado com o tilintar dos hashis. Tudo com aquele acolhimento e serviço inigualável de todas as casas do grupo Belmonte. Sentamos e logo começou o desfile de delícias.

CRÍTICA / RESTAURANTE / AZUMI

Divulgação



O Azumi é uma casa japonesa raiz, sem cream cheese, hot sushi ou azeite trufado

Comandado por Alissia, herdeira do inesquecível Azumi de Copacabana, o Azumi é japonês raiz. Os pescados são respeitados em seus sabores e frescor. Não há excesso de toppings, molhos, muito menos invenções. Não existe cream cheese, hot sushi, azeite trufado.

Devoramos logo o raríssimo sashimi de lula, cortado em finos anéis. Depois veio o “combinado”: um shari (arroz de sushi) bem feito, com a variedade e qualidade dos neta (pescados, frutos do mar). O usuzukuri de peixe branco – fatias transparentes – sumiram em minutos.

O yakisoba de camarão é preparado seguindo os passos do modo tradicional do Japão. Feito na chapa, com Alissia Ohara dando o toque final, o acabamento é mais crocante e com muito molho. Na região Sul do Japão, por exemplo, a forma de preparo é inusitada: faz-se o yakisoba de forma normal, mas dá-se esse toque final na chapa para deixá-lo crocante.

Azumi, no antigo Japão, era um clã e tribo de guerreiros que se originaram durante o período Jomon, cujas culturas e crenças são consideradas uma das primeiras religiões marítimas do país. Aqui, no Leblon, Alissia Ohara mantém perfeitamente essas tradições. E continuará sendo o local que escolhemos para criar novas e boas lembranças.

SERVIÇO

AZUMI
Dias Ferreira, 480 - Leblon | De domingo quarta (12h a 0h) e de quinta a sábado (12h a 1h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Ogrostela, hummm!!!!

O Dia do Hambúrguer, 28 de maio, é uma homenagem a um dos alimentos mais versáteis da culinária. E se existe um chefe que faz o melhor, esse famoso chef e apresentador Jimmy McManis, o Jimmy Ogro. A hamburgueria carioca Ogro Steaks traz novidade exclusiva para a data comemorativa. O novo hambúrguer Ogrostela conta com pão brioche, carne 180g, queijo cheddar inglês, maionese smoke e molho barbecue. O lançamento para o Dia do Hambúrguer está disponível nas unidades cariocas da casa.

Divulgação



Le Jazzpanneur

Quarta-feira, 28 de maio, na unidade BarraShopping do Le Dépanneur, acontece o Le Dép Jazz Sessions, de 18h às 20h, com a cantora Luana Mallet e trio. Conhecida por seus pães e pastas deliciosos e uma seleção de produtos de primeira, a casa presenteia os clientes com uma taça de vinho nos pedidos da Tábua de Frios (presunto Parma, queijo Brie, salaminho, azeitonas temperadas e berinjela italiana). O mesmo mimo também vale para quem optar em pedir a surpreendente Pizza do Cheff (queijo Brie com rúcula e crispy de Parma).

Divulgação



Clássicos acessíveis

Os restaurantes da rede Spoleto oferecem até 31 de julho, em todas as unidades do Rio de Janeiro, a promoção “Clássicos Tamanho Mamma” — pratos com 300g de massa italiana e molho clássico por R\$ 25,90. Uma opção de baixo custo para quem está com bastante fome. A campanha inclui opções de massa como spaghetti, fettuccine, penne, penne integral e farfalle e os com molhos pomodoro, bolonhesa, branco e de queijos. Também é possível acrescentar tiras de frango por R\$ 5. A empresa esclarece que a oferta não vale para suas unidades de aeroportos e nem pelo delivery.